

ELABORAÇÃO IMAGINATIVA: PROTO LINGUAGEM E PROTO PENSAMENTO

ELABORACIÓN IMAGINATIVA:
PROTOLENGUAJE Y
PROTOPENSAMIENTO

IMAGINATIVE CONSTRUCTION:
PROTOLANGUAGE AND
PROTOTHOUGHT

Renata Udler Cromberg
Instituto Sedes Sapientiae
Correio eletrônico: renatauc@uol.com.br
ORCID: 0000-0001-7419-6067

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Cromberg R.U. (2023) ELABORAÇÃO IMAGINATIVA: PROTO LINGUAGEM E
PROTO PENSAMENTO

Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.5/

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

ELABORAÇÃO IMAGINATIVA: PROTO LINGUAGEM E PROTO PENSAMENTO ¹

¹ Este artigo é resultado de uma interlocução com o artigo de Marcia Bozon e Leopoldo Fulgêncio - "A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott" publicado na revista Percurso n. 68, em junho de 2002. Ambos artigos são resultados de uma reunião científica em 2021 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que contou com a conferência de Marcia Bozon e os meus comentários com a mediação de Leopoldo Fulgêncio.

Renata Udler Cromberg²

² Psicanalista, membro do departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Doutora e pós-doutora em Psicologia Social pelo IPUSP. Professora convidada do curso de Teoria Psicanalítica do COGEAE/PUCSP. Autora dos livros Paranoia e Cena Incestuosa: Abuso e violência sexual (ambos pela Ed. Artesã) e Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise - Obras completas 1 e 2 (Ed. Blucher)

Resumo

Este artigo aborda a questão da memória corporal e a ideia de que a mente é fluida e adaptável, encorpada, mas não encapsulada no cérebro. A memória que se constitui a partir do nascimento envolve a elaboração imaginativa do corpo e a constituição da fantasia que nos acompanha a vida toda. O artigo faz uma ponte entre o conceito de destrutividade em Winnicott e em Sabina Spielrein, em ambos a serviço da transformação, como qualidade do vivo e do vital. Porque a ordem vital é assim, o amor é um valor acompanhado da função destrutiva inconsciente sem ser ameaça. Após expor as teorias de Spielrein sobre o surgimento da linguagem proponho que a elaboração imaginativa é uma protolinguagem e um protopensamento. Argumento com os achados de Spielrein sobre o nascimento do pensamento que antecedem o pensamento inovador winnicottiano sobre a mente e o psicossoma. Para Winnicott e para Spielrein a criatividade é primária. Teço considerações sobre a atualidade do trabalho de Winnicott e Sabina Spielrein sobre a importância da elaboração imaginativa do corpo e do cinestésico-visual e da função de ensinar as crianças a ver.

Palavras-chave: fantasia, elaboração imaginativa, Winnicott, integração psicossomática, protopensamento, protolinguagem, memória corporal, destrutividade e criatividade.

Resumen

Este artículo aborda la cuestión de la memoria corporal y la idea de que la mente es fluida y adaptable, corporeizada pero no encapsulada en el cerebro. La memoria que se constituye desde el nacimiento implica la elaboración imaginativa del cuerpo y la constitución de la fantasía que nos acompaña toda la vida. El artículo tiende un puente entre el concepto de destructividad en Winnicott y en Sabina Spielrein, en ambos al servicio de la transformación, como cualidad de lo vivo y vital. Porque el orden vital es así, el amor es un valor acompañado de la función destructiva inconsciente sin ser una amenaza. Tras exponer las teorías de Spielrein sobre el surgimiento del lenguaje propongo que la elaboración imaginativa es un protolenguaje y un protopensamiento. Fundo mi argumento en los descubrimientos de Spielrein sobre el nacimiento del pensamiento que anteceden al

pensamiento innovador winnicottiano sobre la mente y el psiquesoma. Para Winnicott y Spielrein la creatividad es primaria. Formulo consideraciones sobre la actualidad del trabajo de Winnicott y Sabina Spielrein acerca de la importancia de la elaboración imaginativa del cuerpo y lo kinestésico-visual y la función de enseñar a los niños a ver.

Palabras clave: fantasía, elaboración imaginativa, Winnicott, integración psicossomática, protopensamiento, protolenguaje, memoria corporal, destructividad y creatividad.

Abstract

This article is the result of a comment on Marcia Bozon's article The notion of imaginative elaboration and the conception of fantasy in Winnicott's work. It addresses the issue of body memory and the idea that the mind is fluid and adaptable, full-bodied but not encapsulated in the brain. The memory that is constituted from birth involves the imaginative elaboration of the body and the constitution of the fantasy that accompanies us throughout our lives. The article makes a bridge between the concept of destructiveness in Winnicott and in Sabina Spielrein, both in the service of transformation, as the quality of the living and the vital. Because the vital order is like that, love is a value accompanied by the unconscious destructive function without being a threat. After exposing Spielrein's theories on the emergence of language, I proposed that imaginative elaboration is a proto-language and a proto-thought. I argued with Spielrein's findings on the birth of thought that predate Winnicott's innovative thinking on the mind and the psychosoma. For Winnicott as for Sabina, creativity is primary. I make considerations about the actuality of the work of Winnicott and Sabina Spielrein on the importance of the imaginative elaboration of the body and the kinesthetic-visual and the function of teaching children to see.

Keywords: fantasy, imaginative elaboration, Winnicott, psychosomatic integration, proto thought, proto language, body memory, destructiveness and creativity.

Depois de ler o texto da conferência de Marcia Bozon “A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott” deparei-me com um artigo científico¹ surpreendente. Começava com a história de um homem que havia sentido dor na perna esquerda e seus médicos descobriram através de exames neurológicos e de imagem que sua caixa craniana estava lotada de líquido espinal, mas continha muito pouco tecido cerebral. Ora, este homem era um servidor civil que tinha uma família de dois filhos e funcionava perfeitamente bem na vida. Na anamnese médica descobriu-se que ele havia tido na infância um problema de líquido espinal na caixa craniana, que aos 7 anos recebera um implante regulador do líquido e aos 14, não sendo mais necessário, o mesmo fora retirado. Vinte anos depois fez-se a constatação de que sua caixa craniana estava ocupada por líquido, que o tecido cerebral era mínimo e, no entanto, ele funcionava perfeitamente bem. O artigo segue reconstruindo experimentos com platelmintos, com secção e reconstituição de cabeças ao longo da segunda década do sec. XXI, para chegar à conclusão de que a memória não está localizada no cérebro, mas disseminada pelo corpo: a memória é corporal. Não haveria perda de memória desde o nascimento, ela estaria sempre no corpo. O artigo afirma ainda que processos animais em hibernação reduzem até quase zero a memória e a capacidade cerebral, mas a saída da hibernação reaviva toda a memória. No caso do homem em questão, todos os traços de memória do comportamento aprendido foram retidos fora do cérebro e chegou-se à conclusão nestas pesquisas de que todos os principais mecanismos pelos quais os nervos funcionam, dos neurotransmissores às sinapses elétricas, existem através das células e tecidos do corpo e não só no cérebro.

No começo da pandemia, eu utilizei muito para mim, para a família e para os analisandos a palavra hibernação. Autorizei a vontade de dormir de pacientes graves, o meu adiamento de qualquer esforço intelectual por seis meses e os processos regressivos lentificados e lentificadores que tinham por objetivo preservar a vida e o vivo da vida através da alimentação, da conexão com o corpo e seus processos de cuidado e autocuidado diante do risco da morte biológica e psíquica pelo impacto de um mundo externo que de repente se tornou tão hostil. Li nesse artigo que a hibernação é um período de grande reorganização para o cérebro, um estado de inatividade e de depressão metabólica em animais de sangue quente. Há um encolhimento do sistema nervoso central que se recupera na saída da hibernação deixando as memórias intactas. Sobretudo as memórias sociais. Durante a hibernação há uma autofagia e se destrói o que não é necessário à manutenção. Todas as nossas experiências, da concepção em diante, apesar de não serem sempre acessíveis, persistem ancoradas na nossa mente corporal e nas mudanças que nossos corpos sofrem com o envelhecimento. As memórias das metamorfoses e neogêneses persistem, bem como as memórias dos estágios precoces da existência, nossos gostos, nosso conhecimento de vida,

1 Cepelevicz, J. and Quanta Magazine, Brain Maps are a trap, The Atlantic, Science, August 28, 2021.

o que se deve às células e tecidos corporais e persistem ancorados nessa mente corporal. O artigo conclui que evidências sugerem que aspectos da inteligência e da consciência tradicionalmente atribuídos ao cérebro usam os mesmos mecanismos moleculares para a memória corporal que são usados pelo cérebro. Podemos dizer que a mente é fluida e adaptável, encorpada mas não encapsulada no cérebro

Desde o susto do começo da pandemia, a morte e o respirar passaram a ser os significantes diretores do planeta. Um novo contato com as necessidades básicas de sobrevivência e aquilo que era necessário para isso passou a vigorar acima de qualquer coisa. Compreendemos como foram grandes, para a preservação da vida, as aquisições de higiene que o homem fez há não mais de trezentos anos. Descobrimos com horror a extensão da desigualdade social, o abismo que sempre existiu (mas que imaginávamos muito menor) e todos os males da desinformação e da ignorância que privam a maioria da população de boas condições de vida, do que costumamos chamar de “boas condições de temperatura e pressão”.

Começo por aí, pinçando um elemento que Bozon e Fulgêncio trazem no seu texto: a elaboração imaginativa e a fantasia inauguram o psiquismo humano como partes de um mesmo movimento interno inerente ao bebê humano desde que exista um cérebro saudável e um ambiente de sustentação. Winnicott faz esta observação sobre o cérebro saudável no começo de *Natureza humana*² e me encanta este livro pelo seu nome e pelo seu conteúdo, uma bíblia de seu pensamento clínico e paradoxalmente uma bíblia não reificadora inconclusa e em aberto.

Então agora sabemos que todas as incríveis descobertas winnicottianas valem também para cérebros não saudáveis, e até para além de qualquer cérebro.

Já há muito tempo acho que a psicanálise é o eixo central, ou melhor o furo, a espiral central dos saberes e celeiro das descobertas - eu a reencontro nas mais autênticas descobertas científicas de outros campos.

Divagando reflexivamente e criativamente pelo impacto profundo que a leitura do texto de Bozon e Fulgêncio propiciou em mim elaborei uma nova posição sobre o saber psicanalítico. Eu antes gostava de valorizar o lado da singularidade e da subjetivação e dizia do ofício de psicanalista, da arte do psicanalista problematizando o aspecto de ciência ou o lado epistemológico da psicanálise como secundário porque o que contava era a experiência sempre em aberto, singular e surpreendente que a escuta clínica do sofrimento humano propiciava.

Agora alguma coisa mudou: a psicanálise é para além da arte do singular também uma ciência do universal e das mais importantes. Ela tem vocação de eixo porque mergulha nos primórdios do psiquismo animal e humano e sua constituição, refinando cada vez mais seu conhecimento.

2 Winnicott, D., W., Cap. 1 O psicossoma e a mente. In *Natureza Humana*, Rio de Janeiro, Imago, 1990, pg. 29-32

Ciência universal, mas um universal complexo e diverso que se constitui sempre na fluidez e maleabilidade da transicionalidade. Então, se o trabalho teórico-clínico de Bozon e Fulgêncio visa a compreensão de sintomatologias contemporâneas, eu sugiro pensar que ele vai além. Pensar a constituição do psiquismo nos primórdios com o detalhe que sua reflexão propõe, aponta para uma psicanálise transhumana e transdisciplinar na compreensão da relação homem-máquina. A biotecnologia impõe avanços paradigmáticos que os conceitos winnicottianos (sobretudo os de experiência, paradoxo e transicionalidade) talvez esteiem, de modo especial em um mundo pautado pelo funcionamento de sistemas complexos de interação. Winnicott é o genial inventor dos novos tempos junto com outros cientistas físicos e bioquímicos, em devir com Freud, Ferenczi e Sabina Spielrein.

O texto “A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott” fala justamente da memória corporal que o artigo sobre hibernação alude. A memória que se constitui a partir do nascimento envolve a elaboração imaginativa do corpo e a constituição da fantasia que nos acompanha a vida toda. O que é o envelhecimento senão a possibilidade de elaborar imaginativamente um corpo que se transforma, mas que paradoxalmente sempre renasce se bem cuidado pelo ambiente? O idoso, pode-se dizer, é um jovem que deu certo. Winnicott escreve: “Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamado morte.”

³ Porque a morte é retorno, desvanecimento para haver renascimento na continuidade das gerações. Não existe morte inorgânica como queria Freud. Enquanto houver fungos e vento, os organismos mortos se transformam imediatamente em matéria viva recompostos por um outro. Mesmo a pedra é um organismo em constante transformação em seu ciclo geológico; não é inorgânica e ponto final.

O lugar da destrutividade para Winnicott, como os autores do artigo colocam, demorou a ganhar forma. E só o conseguiu a partir da reflexão sobre o uso do objeto: no início da vida, a agressividade está relacionada ao erotismo muscular e não à raiva e ao ódio. A qualidade nova destrutiva está ligada ao fogo e ao ar do indivíduo e é simplesmente um sintoma de estar vivo, que nada tem a ver com a raiva desse indivíduo e com as frustrações que pertencem ao encontro do princípio de realidade. A premência destrutiva muito inicial tem uma função vital. Ela faz parte da eterna transformação a que os organismos estão sujeitos por viver e manter a vida viva.

³ Winnicott, D. W., (1984/2005) *Privação e Delinquência*, São Paulo, Martins Fontes, p. 249.

Aqui Winnicott segue Sabina Spielrein em *A destruição como origem do devir* de 1912⁴. No devir a ponte entre Sabina Spielrein e Donald Winnicott é inevitável para mim. Agradou-me imensamente a forma como Bozon e Fulgêncio trabalharam a bibliografia que é uma posição intelectual e de compreensão de Winnicott na história da psicanálise. Winnicott é o eixo dos autores, mas eles o colocam desde o início em relação com Freud. Ou seja, não existe Winnicott sem Freud e foi por causa da aproximação com o pensamento freudiano que Winnicott se tornou Winnicott. E Winnicott fertilizou muitos pensadores que os autores trazem: Roussillon, Ogden, Golse e Bullinger que ampliaram a compreensão das realidades observadas por Winnicott em proveito do conhecimento clínico teórico.⁵

Para Spielrein, a destrutividade é um componente da pulsão de conservação das espécies porque para surgir o novo há que destruir o antigo por mais horror que isso cause ao aspecto autoconservador da existência. A transformação assim o exige. Ela parte do eternamente sendo da mãe/mar primordial que nos habita, incognoscível, mas para o qual retornamos e nos desvanecemos para então nos diferenciar criativamente em obra de arte, sonho, encontro sexual e palavra. Vemos em Spielrein o mesmo papel da ambivalência constitutiva que os autores apontam em Winnicott⁶. Pois a partir da destrutividade vital inicial é necessário um outro que acolha, segure junto ao peito contendo a crueldade destrutiva fragmentadora e vitalmente explosiva para que ela se organize em vida humana na terra. O outro materno é antes de mais nada aquele que sobrevive. Em primeiro lugar fisicamente. E sabemos que a mãe é a mais frágil durante as incríveis transformações que a gravidez traz em seu corpo. A alta mortalidade materna até o século XIX trouxe tantos contos de fadas de madrastas cruéis que correspondiam às novas esposas dos viúvos de mulheres mortas no parto. Não há catástrofe

4 Spielrein, S. A destruição como causa do devir. In Cromberg, R.U. (org.) Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas vol.1, São Paulo, Blucher, 2021, pg. 255-310

5 Bozon, M.Fulgêncio,, L.(2022)A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott. In Revista Percurso n. 68, pg.61-63

6 "A fantasia de destruição resulta, portanto, da experiência de fracasso na concepção de objeto subjetivo....Winnicott afirma ser esse o momento em que tem início a fantasia propriamente dita, aqui compreendida como parte de um processo subjetivo no qual a criança pode experimentar a ambivalência de seus sentimentos em relação ao objeto percebido como um outro diferente de si." op. cit. pg. 58

maior e marca mais dolorosa do que uma mãe que morreu no parto por melhores que tenham sido seus substitutos. Assim como um filho natimorto é uma marca inapagável no corpo de uma mulher. O amor é, portanto, um trabalho sobre a crueldade inicial, mas desde o início, como os autores apontam, em Winnicott não existe eu te amo sem que o eu te destruo habite o inconsciente. Porque a ordem vital é assim, o amor é um valor acompanhado da função destrutiva inconsciente sem ser ameaça. Eu te amo = Eu te destruo. O preço de viver uma vida no mundo dos objetos é a aceitação da destruição continuada na fantasia inconsciente relativa ao relacionamento com os objetos, diferença entre destruição real do objeto e fantasia de destruição. É isso que vai proporcionar um marco no processo de integração da criança onde um mundo interno vai se diferenciar do mundo externo. E Bozon e Fulgêncio colocam aí nesse momento o início da fantasia para o indivíduo. O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu.⁷ Portanto podemos dizer, com eles, que o primeiro tempo do sujeito é o sujeito da fantasia de destruição. Movimento que tende a colocar o outro fora e, portanto, libertar-nos do outro e de ser sujeito da fantasia do outro. Movimento de separação eu – outro que tende à não submissão ao outro. Movimento que tende à integração criadora de um si mesmo vital inicial que procura a liberdade de se transformar criativamente. Há um longo percurso até poder enxergar na presença do outro, no outro, um sujeito diferente de mim. Portanto, agora podemos entender o escopo do trabalho “A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott”: a importância da fantasia para o processo de integração a partir da aquisição do status inteiro pela experiência de se perceber integrado. Foi a partir de Winnicott que comecei achar agora o mundo conceitual kleiniano, com seus objetos parciais, mais divertido, brincalhão. Assim as fantasias sádicas em relação ao corpo materno têm essa função libertadora do corpo materno fundamental para a integração de um si mesmo separado da mãe, zona secreta ao outro, pura força cósmica e vital com as marcas da elaboração imaginativa do próprio corpo a partir do magma do outro materno, marca misteriosa original.

7 “O sujeito diz ao objeto: Eu te destruí, e o objeto está ali para receber esta comunicação. Daí por diante o sujeito diz: eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente). É apenas nesse momento que começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito agora pode usar o objeto que sobreviveu.”
In Winnicott, D. W. “O uso de objeto e relacionamento através das identificações”.
In O Brincar e a realidade, p.126, citado em Bozon, M. e Fulgêncio, L., op. cit. P.57

Tive um momento epifânico através da fala de um analisando. Ele nos trouxe a palavra japonesa Umami que é o quinto gosto. Se o salgado, o doce, o azedo e o amargo ocupam parcialidades diferentes da língua, diferentes papilas gustativas, o umami ocupa a língua toda e determinadas comidas produzem este paladar excepcional. Umami, ur-mami, mãe originária. O gosto originário que envolve toda a língua é o bico do seio materno que envolve a língua do bebê, o gosto leite/seio. Começamos na terra com Umami e quando ele não existe, começamos quase colapsando. Já o desmame é uma forma dolorosa de necessariamente matar a mãe ao se separar de seu corpo e morrer um pouco, embora é também a forma de correr o risco de viver a própria vida e não viver a vida na mãe e pela mãe, conquista gradual de todos os seres animais, sendo a do animal humano a de ritmo mais lento.

A elaboração imaginativa do próprio corpo como colocam Bozon e Fulgêncio começa pelos contrastes de sensações que o corpo traz calor/frio, molhado/seco, o gosto do leite e a boca sem gosto e também o registro do que vem do corpo do outro.⁸ A malemolência de sensações que vem de algum lugar do corpo do outro e que produz as sensações agradáveis que se busca repetir. O holding materno é o prolongamento das sensações uterinas de continuidade e no início a mãe é o bebê. Não existe bebe sem mãe como Winnicott e Sabina Spielrein apontaram. A comunicação entre o bebê e sua mãe ainda no útero vai a tal ponto que o bebe emite uma substância sinal para que o útero consiga emitir a substância que desencadeará a destrutividade vital expulsiva do parto.

8 “ Nesse contexto, a elaboração imaginativa permeada pela fantasia representa uma primeira expressão da capacidade humana de construção da realidade, nesse primeiro momento a partir de uma concepção subjetiva do objeto. Desde o ponto de vista do observador o bebê está lá, inserido na realidade compartilhada da qual fazem parte os objetos que o cercam, os cuidados que recebe, etc., mas, desde o ponto de vista do bebê, a realidade que o cerca está sendo criada a partir daquilo que ele encontra ao seu redor; a sensação do toque

do cobertor em sua pele, a temperatura da água de seu banho, a sensação do leite seguindo o caminho desde a boca até o interior de seu corpo, ou a sensação de fome sendo saciada associada à diminuição de tensão que isso acarreta. Todas essas sensações serão elaboradas imaginativamente, num primeiro momento em termos de catalogação: quente, duro, áspero, etc.; e em seguida, permeadas pela fantasia numa tentativa de atribuir sentido a cada uma dessas experiências.” In Bozon, M., Fulgêncio, L., op.cit., pgs 56-7.

Mas assim que ele é acolhido está presente a voz da mãe. A língua materna é antes de tudo som, ritmo, tom, ato de fala. Antes de ser significado. Fonema, poema, antes de ser linguagem comunicável. Mágica dos afetos antes de ser sentido abstrato. Convocadora da fala do outro, do bebê, o mistério da língua materna vem das profundezas do inconsciente e da alteridade, mistério da força humanizante que nos constitui, essa língua amorosa materna de presença corporal fundamental. É sobre isso que escreveu Sabina Spielrein em seu texto *A origem das palavras infantis papai e mamãe - Alguns estágios da linguagem infantil*.⁹ Ali, entre outras coisas ela dirá que a linguagem surge com a ajuda do outro, do adulto por meio do apelo da criança. A língua nasce da interrelação entre o bebê e a mãe. O “mamama” e o “papapa” vem do mamar. Mas antes mesmo dos fonemas ma e pa a linguagem se apresenta em suas formas não verbais, como melodia, ritmo, intervalos de silêncio, mímica, gestos, linguagem visual. A linguagem verbal se instala na criança através do outro. E posteriormente se torna predominante, mas traz em si sua origem não verbal. Se ela for apenas linguagem verbal será descortada, ou seja, cindida de sua fonte cinestésica nos movimentos corporais e das imagens desses movimentos e do prazer que os mesmos dão à criança. Mas se a linguagem permanecer apenas nos seus primórdios como linguagem auto-erótica destinada a si mesmo, ela permanece autista, o estado inicial da linguagem. A partir da articulação da linguagem com a abertura ao outro, ao mundo, momento em que a linguagem se torna heteroerótica, na percepção desse outro e do mundo por meio do princípio do prazer e do princípio de realidade, ela pode conceituar os três tipos de linguagem: a linguagem autista destinada a si mesma, a linguagem mágica destinada ao outro, mas onírica, carregada de interpretação fantasística, de desejo do mundo, na qual a palavra recebe um superssignificado que conjura a realidade e a linguagem social, destinada à comunicação com o outro, de quem se percebe a dependência e capaz de suportar adiamento e frustração, levando em conta o mundo por meio do princípio de realidade. Somente com o advento da linguagem verbal o homem se torna um ser social. No início do verbo há uma ação específica: o mamar, origem do pensamento e da linguagem. Não é o acaso que determina a linguagem incipiente, mas a vida afetiva e psíquica, a vida corporal, e não a biológica e epistemológica.

9 Spielrein, S., A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’; algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem. In Cromberg, R. U., Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas volume 2, São Paulo, Blucher, 2021, pg. 267 – 296.

Gostaria de propor uma coisa a partir das minhas reflexões sobre o texto de Bozon e Fulgêncio: a elaboração imaginativa é uma proto linguagem e um proto pensamento.

Para isso vou evocar o último texto de Sabina Spielrein conhecido até agora de 1931. *Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. Estudos sobre as representações cinestésicas subliminares*¹⁰. Para ela o pensamento lógico abstrato não é um estágio superior do pensamento que elimina os estágios anteriores, mas é acompanhado em paralelo por um pensamento orgânico, imagético, cinestésico-visual, enraizado no corpo e em sua percepção por meio da psique que impede a desconexão corpo/mente, mundo interno/mundo externo. Aquilo que ela diferencia entre pensamento corticado e pensamento descorticado, tomando emprestado termos que evidenciam sua vocação transdisciplinar para integrar a psicanálise com alguns conhecimentos disponíveis então. O pensamento corticado une o córtex, sede do pensamento consciente lógico – racional, pensamento direto que lida com a realidade exterior ao sub-córtex, sede do pensamento não consciente, subliminar, cinestésico-visual, ligado às sensações e afetos e ao inconsciente. A partir da pergunta, como pensamos, ela mostra o papel fundamental do pensamento cinestésico visual e o papel da imagética no papel do pensamento. Ela traz exemplos de cooperação do ato de pensar verbal e imagético e fala da importância do desenho de olhos abertos e fechados para diagnóstico, prevenção de sofrimento psíquico bem como o uso pedagógico.

Em 1949, será Winnicott quem formulará em *A mente e sua relação com a psique soma*¹¹ que a mente não é uma entidade desde os primórdios da existência psicossomática, ela é uma especialização da parte psíquica e que ele define a psique como uma elaboração imaginativa de partes, sentimentos e funções somáticas, isto é, da vivência física. Já em 1945,

10 Spielrein, S. Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. Estudos sobre as representações cinestésicas subliminares. In Cromberg, R. U. (org) Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas vol.2, São Paulo, Blucher, 2021, pg. 407-454

11 Winnicott, D. W., A mente e sua relação com o psique-soma, In Da pediatria à psicanálise, Rio de Janeiro, F. Alves, 1988, pg 409-426

12 Winnicott, D. W., Desenvolvimento emocional primitivo, In Da pediatria à psicanálise, Rio de Janeiro, F. Alves, 1988, pg 269-286

em *Desenvolvimento Emocional Primitivo*¹² ele tinha colocado a interrelação entre a psique e o soma, constituindo a fase inicial do desenvolvimento do indivíduo. Mas é o corpo vivo que é o cerne do self imaginativo. E é isso que Bozon e Fulgêncio trazem como o solo inicial e final da sua reflexão: a elaboração imaginativa como recurso da natureza humana que propicia a atribuição de sentido aos acontecimentos corporais, favorecendo a integração psicossomática. A elaboração imaginativa é o fenômeno pelo qual o bebê dá sentido a uma série de experiências vividas a partir de sua corporeidade, incluindo o próprio funcionamento corpóreo e suas funções. Será que não podemos pensar que, até mesmo as fantasias originárias freudianas têm uma origem corporal e não meramente um caráter defensivo representativo estruturador do psiquismo? O útero, a concepção, o corte com e do objeto e a sedução pelo outro sendo experiências corporais que carregamos desde a formação do ovo? Assim estaríamos indo de encontro ao que os autores frisam como a concepção winnicottiana da fantasia: a fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão. Desde os primórdios, a ilusão é o único modo de chegar à realidade.¹³ E eu acrescentaria, porque ela é que permite a experiência de continuidade do eternamente sendo do self verdadeiro que é o núcleo do vivo da vida. É disso que tivemos que cuidar o tempo todo na pandemia e temos que cuidar no pós - pandemia de forma a prevenir e cuidar de melancolizações. E aqui Bozon e Fulgêncio me proporcionaram outro encontro entre Winnicott e Spielrein. Quando colocam que a elaboração imaginativa e a fantasia dão o sentido ao vivido e confiança em si mesmo necessária para a integração psicossomática e assim fazendo permitem o sonho e a atividade criativa capazes de transitar entre o presente, o passado e o futuro propiciando o devir, que é movimento, transição, transformação, trabalho através da imagem fantasiada/criada. Pois para Winnicott como para Sabina a criatividade é primária. A percepção criativa é central, pois ela é a capacidade de percepção do mundo

13 "...podemos indagar sobre o lugar da elaboração imaginativa e da fantasia na construção do universo simbólico da criança desde a perspectiva de Winnicott. Considerando que, desde sua concepção, a fantasia antecede a realidade, e a capacidade de elaborar imaginativamente as sensações corporais está presente ainda que de forma incipiente, desde os primeiros momentos da vida, podemos inferir que a elaboração imaginativa antecede a capacidade futura de representar e de simbolizar, constituindo um movimento primordial nesta direção." In Bozon, M. e Fulgêncio, L., op, cit., pg.61

a partir de um olhar próprio que se renova a cada encontro sem permitir que a submissão ao princípio de realidade conduza à perda da espontaneidade. A ilusão aí constituída é simplesmente olhar o mundo como se fosse a primeira vez, olhar que a sensação de estar vivo presentifica e, então, o criativo viver se cobre de sentido. Eu não sei se a criatividade primária é desvinculada dos conflitos instituídos e das satisfações pulsionais. Temos que avançar nessa discussão¹⁴. Mas entendo a diferença que os autores estabelecem entre a fantasia que é constitutiva do ser em sua descoberta do mundo e o fantasiar que é uma dissociação, uma repetição estéril que não leva ao desenvolvimento do viver criativo.¹⁵ E assim a fantasia pode ser área de liberdade ou prisão mental.

Para Winnicott assim como para Delleuze, o sentido é anterior à significação. O sentido parte da sensação para a integração psicossomática e um viver intensivo no corpo. É anti-idealista e corpóreo. A significação é idealista e mental e pode fechar circuitos simbolizantes ao invés de abrir as cadeias associativas de significantes enraizados na memória corporal e não apenas mentais.

O artigo de Bozon e Fulgêncio sugere para mim o trabalho com as ideias de Ferenczi e Winnicott na diferença da concepção dos diferentes estágios de acesso a realidade de Ferenczi que elimina a onipotência primária e a ilusão de onipotência sustentada pela mãe ambiente que antecede a

14 “em minha leitura, embora Winnicott reconheça a importância das pulsões, ele não desconsidera sua centralidade no psiquismo, pois em sua concepção encontrou a necessidade de tecer hipóteses que abrissem lugar para áreas de experiência primitiva e do desenvolvimento do ego que não estejam apenas associadas aos conflitos pulsionais, buscando um espaço para processos psíquicos que envolvam a criatividade e a experiência do self.” In Bozon, M. e Fulgêncio, L., op. cit. Pg. 56

15 Winnicott considera fundamental diferenciar a fantasia da atividade de fantasiar ou devanear, na qual o uso da imaginação tem a finalidade de aliviar a tensão provocada pela realidade frustrante. Ao contrário da fantasia que é constitutiva do ser em sua descoberta do mundo, o fantasiar representa uma dissociação, uma repetição estéril que não leva ao desenvolvimento do viver criativo.” In Bozon, M. e Fulgêncio, L., op. cit. Pg. 56

possibilidade de perceber o objeto como separado de si. E que em Winnicott deve perdurar a vida inteira para que o viver não seja submissão estéril à realidade, mas criação de um estar no mundo com uma marca pessoal.

O artigo sugere também uma complexização da discussão entre a capacidade imaginativa em Winnicott e a concepção de imaginário em Lacan, sobretudo entre o rosto da mãe como espelho e a fase do espelho. Os autores dizem que a capacidade imaginativa data de um momento que antecede a percepção do objeto como externo a si e que é anterior ao momento do reconhecimento da própria imagem no espelho. Penso que isso pode ser dialetizado mais em proveito de um avanço na psicanálise. O artigo de Roussillon da Revista Percurso¹⁶ que trabalha o narcisismo primário avança nesta questão do espelho que reúne as perspectivas winnicottianas e lacanianas. O rosto da mãe como espelho conversa com o estágio do espelho e traz, como será explorado mais tarde por André Green¹⁷, a questão da ausência no olhar materno que torna sua presença morta e mortífera invocando defesas arcaicas de submissão. Pois segundo Bozon e Fulgêncio trazem de Ogden, só na transicionalidade o sujeito é criador e intérprete de seus símbolos como observador de si próprio e da mãe. Digamos que a transicionalidade é o lugar terceiro do olhar que desencontra o espelho e se desencontra do olhar da mãe para criar o transe, um olhar em transe que permitirá a separação sem se separar, o *nhame nhame* de um seio que não está mais ali, mas ainda está recriado na ponta da fralda como fonte interna de conforto e manutenção do vivo da vida enquanto se vivencia a unicidade se constituindo em novas criações de si longe do corpo da mãe que reassegurem a sobrevivência de si.

Acho que um caminho é desenvolver entre a unicidade que remete a subjetividade como trazem os autores do trabalho de Ogden e a trindade que inaugura a pertença ao simbólico, a área da dualidade: a noção de imaginário enquanto desencontro constitutivo e a área do paradoxo da transicionalidade. Em todo o caso, o objeto objetivo é sempre provisório. Há em Winnicott a positividade da ilusão constitutiva como criação singular do mundo e acesso ao que está fora da área de onipotência, a área da falta a ser a partir do eternamente sendo que move paradoxalmente a esfera desejante.

Bozon e Fulgêncio concluem afirmando o lugar da elaboração imaginativa e da fantasia na construção do universo simbólico na criança desde a perspectiva de Winnicott. Sua inferência é que a elaboração imaginativa precede a capacidade futura de representar e simbolizar. A narratividade corporal cinestésica, a narratividade corporal imagética, a narratividade corporal do som e do tom precedem e são incorporadas à narratividade representativa na sua ação simbolizante.

16 Roussillon, R, Desconstrução do narcisismo primário. In Revista Percurso n. 63, São Paulo, dezembro de 2019

17 Green, A., A mãe morta. In Narcisismo de vida, narcisismo de morte, São Paulo: Editora Escuta, 1988.

A atualidade do trabalho de Winnicott e Sabina Spielrein sobre a importância da elaboração imaginativa do corpo e do cinestésico-visual e da função de ensinar as crianças a ver se sobressai quando pensamos no contexto atual em que há uma revolução tecnológica devida ao surgimento da internet em computadores e celulares que trouxe a questão da imagem virtual e os riscos de desconexão com a visão do mundo externo e da diminuição da interação com o outro não virtual – ao primeiro plano, trazendo à tona a discussão da mudança do modo de pensar, do pensamento por imagens e a discussão do quão regressivo ou progressivo seria esse fenômeno e suas consequências, quando o visual se sobrepõe às interações em presença, em que se sente a presença corporal do outro.

Referências bibliográficas:

- Bozon, M., Fulgêncio, L.,(2022) A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott. In Revista Percurso n. 68, São Paulo.
- Cepelevicz, J. and Quanta Magazine, (2021) *Brain Maps are a trap*, The Atlantic, Science, August 28, 2021.
- Green, A., (1988) A mãe morta. In *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, São Paulo: Editora Escuta.
- Roussillon, R, (2019) Desconstrução do narcisismo primário. In Revista Percurso n. 63, São Paulo.
- Spielrein, S.(1912/2021) A destruição como causa do devir. In Cromberg, R.U. (org.) *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas vol.1*, São Paulo, Blucher, pg. 255-310.
- Spielrein, S., (1922/2021) A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’; algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem. In Cromberg, R. U., *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas volume 2*, São Paulo, Blucher, pg. 267 – 296.
- Spielrein, S.(1931/2021) Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. Estudos sobre as representações cinestésicas subliminares. In Cromberg, R. U. (org) *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas vol.2*, São Paulo, Blucher, 2021, pg. 407-454
- Winnicott, D. W., (1945/1988) Desenvolvimento emocional primitivo, In *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, F. Alves, pg 269-286.
- Winnicott, D. W.,(1949/1988) A mente e sua relação com o psique-soma, In *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, F. Alves, pg 409-426.
- Winnicott, D., W., (1954/1990) O psicossoma e a mente. In *Natureza Humana*, Rio de Janeiro, Imago, 1990, pg. 29-32.
- Winnicott, D. W., (1984/2005) Privação e Delinquência, São Paulo, Martins Fontes, p.249.